

A TRAJETÓRIA DE VIDA DE BIA EM UMA FAMÍLIA DE CIGANOS: adaptação e resistência¹

Bia's life trajectory in a gypsy family: adaptation and resistance

Lailson Ferreira da Silva

Doutor em Ciências Sociais (UFRN), Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

RESUMO. Este artigo apresenta a trajetória de vida de Bia, mulher não cigana, em uma família de ciganos que mora no município de Sobral, Ceará. E, mais especificamente, como ela foi se tornando membro da família através de um processo marcado por adaptações, formas de resistências e preconceitos enfrentados ao longo de 15 anos vivendo como esposa de um cigano. Por meio de conversas informais e gravadas, procurei reconstruir sua trajetória de vida levando em consideração que esta não é linear (BOURDIEU, 1998), e que é narrada a partir de enquadramentos (POLLAK, 1992), ou seja, é permeada de escolhas e interesses. Para finalizar, traço pontos de interseção entre a história de vida de Bia e seu genro Márcio, igualmente não cigano. Isso também nos possibilita refletir sobre mudanças no padrão das relações entre ciganos e não ciganos.

PALAVRAS-CHAVE: Ciganos. Identidade. Família. Trajetória de vida.

ABSTRACT. This article presents the life trajectory of Bia, a non-gypsy woman, in a family of gypsies living in the municipality of Sobral, Ceará. And more specifically how she became a member of the family through a process marked by adaptations, forms of resistance and prejudices faced over fifteen years living as the wife of a gypsy man. Through informal and recorded conversations, I tried to reconstruct her life trajectory taking into account that it is non-linear (BOURDIEU, 1998), as well as it is narrated from frameworks (POLLAK, 1992), that is, it is permeated by choices and interests. Finally, I draw points of intersection between the life story of Bia and her son-in-law Márcio, non-gypsy as well. This also enables us to reflect on changes in the pattern of relations between gypsies and non-gypsies.

KEYWORDS: Gypsies. Identity. Family. Life trajectory.

1 Este texto faz parte das discussões realizadas na minha tese de doutorado: “A vida em família: parentesco, relações sociais e estilo de vida entre os ciganos de Sobral, Ceará, defendida em 2015 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.

INTRODUÇÃO

Ao longo desse artigo apresentarei a trajetória de vida de Bia, mulher não cigana, tomando como ponto de partida o momento no qual ela começa a fazer parte de uma família² de ciganos que atualmente reside na cidade de Sobral, no estado do Ceará. Ao tomar como referência a trajetória de Bia, tenho como objetivo evidenciar o seu processo de adaptação ao modo cigano de viver, bem como as resistências enfrentadas ao longo dos 15 anos que viveu na condição de esposa de um cigano.

Para a realização da coleta de dados, visitei a residência de Bia, localizada na cidade de Fortaleza, Ceará, durante os anos de 2013 e 2014, bem como trago informações de outros interlocutores com os quais conversei sobre a presença de Bia nessa família. Nesses momentos, tivemos diversas conversas informais durante as quais eu fazia anotações em um diário de campo, bem como outras gravadas com seu consentimento.

A escolha por narrar a trajetória de Bia não se deu de forma aleatória ou simplesmente porque ela concedeu duas entrevistas gravadas em momentos diferentes. É preciso ressaltar que apesar de Bia, atualmente, viver distante espacialmente dos ciganos, ela continua incluída na “rede de relacionalidade”, mostrando-se sempre disposta a ajudá-los em momentos de necessidades, sendo alguém em quem podem confiar.

Antes de darmos início à apresentação da trajetória de Bia propriamente dita, faz-se necessário elucidar alguns aspectos que marcam o modo cigano de viver. Em especial, como os ciganos da família da qual Bia fez parte pensam suas relações com

² Ao longo do artigo, adoto a ideia de família desenvolvida por Bott (1976) em seu estudo com 20 famílias vivendo em contextos urbanos na Inglaterra na década de 1980. A autora utiliza a noção de rede em vez da de grupo para pensar as famílias em sua totalidade. Procurando perceber a dimensão dinâmica da própria noção de família, as tramas e as conexões que se estabelecem entre os membros das famílias, pois diversos fatores interferem em seu grau de conectividade. Um desses fatores diz respeito às relações entre parentes. Como afirma a autora, em uma família os relacionamentos não se dão de modo uniforme, principalmente se considerarmos o espaço urbano. No espaço urbano, as famílias tendem a ser mais “individualizadas” do que nas sociedades “primitivas” de pequena escala, nas quais o parentesco fornece os principais elementos para a organização das relações sociais. Enquanto que as famílias urbanas, são altamente marcadas por um processo de diferenciação entre si.

não ciganos(as) e, também, delinear os referenciais teóricos pertinentes para essa reflexão.

Em Sobral, encontramos um grupo de indivíduos pertencentes à família Cavalcante³ que se reconhece e é reconhecida pelos outros como ciganos. Nessa família, também encontramos a presença de mulheres e homens não ciganos que estabeleceram, ao longo dos anos, uniões estáveis ou casamentos com ciganos(as).

O estabelecimento dessas uniões marca a entrada de não ciganos(as) em uma família de ciganos. Essa prática, mais recorrente entre os homens, ocorre desde o período da “vida de cigano”, ou seja, momento da vida definido em termos das andanças de um lugar a outro em intervalos de tempos “determinados” por diversas variantes: permissão de não ciganos para se arrancharem em suas terras; conflitos com a população local; relações amigáveis com as “autoridades” dos lugares por onde passavam; e condições favoráveis para fazer negociações (principalmente de burros).

Goldfarb (2004), Silva (2015), Ferrari (2010), Souza (2011) e Fotta (2012) em seus respectivos contextos de pesquisa com ciganos no Brasil, também constataram a realização de diversas uniões entre não ciganos e ciganos. Ferrari (2010), ao procurar dar uma explicação para esse fenômeno social, afirma que em vez dessa prática se constituir como exceção, é parte integrante do sistema estrutural das relações calons⁴. O não cigano é, assim, aquele que conhece o funcionamento da vida calon e ao mesmo tempo oferece-lhe resistência.

Os(as) não ciganos(as) integrantes da família Cavalcante em Sobral, não são definidos como parentes pelos ciganos, quando se pensam em termos de compartilhamento de um sangue comum. Isso é observável quando alguém pergunta de quem eles se tratam. A resposta será inevitavelmente que são jurons ou jurins⁵, mas por viverem entre eles e compartilharem práticas e modos de pensar estruturantes de relações sociais, principalmente as que reforçam o modo de viver em família, essa forma de diferenciação é diluída nas relações cotidianas: “É juron, mas hoje, vive como

³ O sobrenome Cavalcante consta nos documentos oficiais utilizados para fins de identificação junto ao estado brasileiro, tais como: certidão de nascimento; registro geral (RG); e cadastro de pessoa física (CPF).

⁴ Em sua tese de doutorado, *O mundo passa: uma etnografia dos Calons e suas relações com os brasileiros*, Ferrari (2010) opta por usar a nomenclatura calon em vez de cigano. Aqui, usarei a palavra cigano, pois reflete a forma como os ciganos em Sobral se autodenominam.

⁵ Jurons e jurins são palavras utilizadas respectivamente na linguagem cigana, chibi, para se referir a homens e mulheres não ciganos.

cigano”. Entretanto, qual o lugar deles no contexto das relações familiares? E, mais especificamente, como um indivíduo passa a ser identificado como membro da família?

Michel Stewart (1989) foi o primeiro antropólogo a pensar a noção de tornar-se cigano, ao identificar entre os Rom, na Hungria, um modo de vida orientado para o presente e sem perspectiva de continuidade em relação ao passado, distanciando-se da conceituação de grupo étnico elaborada por Barth⁶ (1998). Por conseguinte, distancia-se também da conceituação utilizada nos estudos de processos de construção de afirmação de identidade diante de não ciganos, como é corrente nos estudos brasileiros sobre ciganos (GOLDFARB, 2004; SILVA, 2010; SOUZA, 2011).

No Brasil, as primeiras etnografias influenciadas pela perspectiva teórica de Stewart (1989) foram as de Ferrari (2010) e Fotta (2012), com o propósito de descrever como são construídos modos de vida calons na própria sociedade dos não ciganos, privilegiando categorias nativas. De modo mais detido, Ferrari (2010) preocupou-se em mostrar em seu trabalho sobre os calons de São Paulo como, entre esses indivíduos, a ideia de pessoa é pensada pela “noção de vergonha”.

O jeito cigano ou calonidade expresso por esse universo envolto de vergonha, isto é, um conjunto de condutas e práticas esperadas pelos calons e expressas principalmente no corpo feminino, cria um contraste com o mundo dos não ciganos. Tal contraste se dá por meio de distinções, sem necessariamente pressupor um conjunto de traços fixos, isto é, de ordem cultural, possíveis de serem encontrados em outros contextos sociais. Ao fazer essa afirmação, a autora invoca o aspecto processual da calonidade, ou seja, do fazer-se cigano como algo contínuo.

Como um processo inacabado, a calonidade precisa ser reafirmada cotidianamente por meio de práticas e/ou modos de pensar. Para Ferrari (2010) não existe um “cigano” *a priori*, mas apenas constituído dentro de um universo cultural. Tornar-se um cigano é um processo demorado que demanda o tempo de uma vida inteira:

Um *gadje* não se define por uma ‘essência’, mas é, antes, um *sujeito em relação*, passível de transformação. Um *gadje* que empreende o processo de ‘virar’ calon está sempre ‘em processo’, um movimento constante que jamais se efetiva totalmente (FERRARI, 2010, p. 36).

⁶ Para Barth (1998), os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores sociais diante de processo de interação.

Entre os ciganos em Sobral, “o modo de ser cigano” se expressa pela reafirmação do modo de viver em família e nas relações de solidariedade. Enquanto isso, o sangue atua como um demarcador de fronteiras entre quem é ou não cigano(a) e de quem é filho(a) da união entre um cigano(a) e um não cigano(a). Ao interiorizarem a maneira de um cigano viver, os não ciganos(as) são vistos como integrantes de uma rede de relações familiares. Esse aspecto é fecundo para pensar o caso de Bia, no sentido de que a partir do momento em que ela passou a viver com Itamar, ou, como ela disse, “no meio dos ciganos”, na condição de sua esposa, esperava-se dela outras posturas e comportamentos condizentes com as observadas em outras ciganas da família.

Ao tomar a narrativa de Bia, não pretendo tratá-la como uma totalização da vida marcada por uma sucessão linear de acontecimentos, pois, como já afirmara Bourdieu (1998, p. 184), o relato biográfico ancora-se no pressuposto “[...] de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto”. Ou seja, o autor está chamando atenção para o fato de que o enredo de uma vida não assume uma perspectiva linear com direção ao fim.

As narrativas biográficas precisam ser compreendidas como um percurso em rede. No caso de Bia, dentro do universo da cultura cigana. Ao lidarmos como a reconstituição de trajetórias de vidas, não se pode esquecer que os sujeitos fazem um enquadramento da memória (POLLAK, 1992), ou seja, alguns acontecimentos são escolhidos para serem lembrados e outros não. Sendo assim, as memórias de Bia não serão tomadas como uma verdade em si, mas como construções feitas no presente para a leitura de um passado, recompondo em certa medida, sua identidade social enquanto pessoa – em oposição à noção de pessoa cigana.

A HISTÓRIA DE BIA

Bia é uma mulher de 51 anos de idade, oriunda do estado do Piauí. Ela mora atualmente na cidade de Fortaleza e vive em união estável com Chiquinho. Formada em magistério do 1º grau, trabalha em uma escola particular especializada nas modalidades

de Educação Infantil e Fundamental I, pertencente aos parentes de sua família. Além de atuar como professora na escola, Bia está concluindo a graduação no curso de pedagogia em uma faculdade particular.

Aos 18 anos de idade, Bia já tinha sido casada e deixara o seu primeiro marido, com quem teve um filho. Acostumada com sua independência, não se interessava em voltar para a casa de seus pais e viver sob suas ordens. Por isso, passou a morar sozinha em uma pensão na cidade de Teresina, no Piauí, e para se manter financeiramente, começou a trabalhar em um salão de beleza.

Ela conheceu Seu Itamar na pensão onde morava. Devido a um conjunto de situações adversas, acabou deixando a cidade para viver ao seu lado. De Teresina, eles seguiram para Parnaíba, no estado do Piauí, onde Seu Itamar morava próximo de sua família, composta de pais e irmãos. Até chegar lá, Bia ainda não tinha tomado conhecimento do fato de Seu Itamar ser cigano. Tampouco, sabia ao certo o significado de “ser cigano”; apesar de ter ouvido, ao longo de sua vida, menção a indivíduos identificados por esse nome. Mas, nos primeiros dias vivendo entre os ciganos, Bia se deparou com um “modo de vida diferente” quando comparado ao que tinha experimentado durante sua vida até aquele momento. Nos termos de Wagner (2012), a percepção de Bia em relação ao modo cigano de viver, promoveu um “choque cultural”. Sem hesitar, perguntou a Seu Itamar o que significava “ser cigano”. Seu Itamar a explicou com poucas palavras que cigano era um indivíduo que não tinha parada.

Em um primeiro momento, essa resposta foi suficiente, para explicar o fato de Seu Itamar se reconhecer como cigano e justificar os deslocamentos de um lugar a outro com certa frequência. Com o passar dos dias e a vivência cotidiana com a família de Itamar, Bia começou a perceber que “ser cigano” ia muito além do fato de viver andando de um lugar para outro, “sem parada”, como a respondeu Seu Itamar.

Eu não sabia nem o que era cigano na minha vida. Aí eu fui descobrindo aos poucos. O modo de viver era muito estranho pra mim, a maneira como eles encaravam a vida. Até as músicas pra mim eram estranhas, que eles gostavam muito de sertanejo e era uma coisa que eu nunca tinha escutado. Eu ouvia brega. Ouvia música romântica. Roberto Carlos, por exemplo, que era o da época mais... Música sertaneja, eu mesmo vim ouvir no meio de cigano. Então eu fui assim, eu achava aquilo diferente e aí eu fui percebendo. O pessoal chamava cigano e não sabia o que era. Depois foi que eu fui entender pela maneira de como eles viviam. Eles não paravam. Eles não tinham pouso. Eram pessoas que só se preocupam com o dia de hoje. A maneira como eles viviam, pra mim, intrigava, porque eu não via ninguém sair para trabalhar.

Não via ninguém ter um serviço fixo. E todo mundo tinha dinheiro. Todo mundo tinha carro e aquela coisa toda (Bia, conversa gravada, fev./2014).

Tudo, aos olhos de Bia, era “estranho”. Músicas que não costumava escutar, deslocamentos constantes. Cada dia era vivido sem preocupação clara com o futuro. E, novamente, tudo ainda parecia mais estranho, nesse ponto sem esconder o fascínio, ao perceber que mesmo sem emprego fixo, o dinheiro não faltava, não deixavam de comprar bens. Bia, entre fascínio e estranhamento, a cada dia, percebia naquela vida um aprendizado e uma distinção sobre um modo de ser muito mais complexo do que qualquer coisa que vira antes, e que a ela fora ensinado nos seus poucos 18 anos de vida.

Soma-se a isso a maneira de como resolviam os problemas cotidianos por meio das “emoções”⁷, levados por um discurso do “coitadinho”, isto é, aquele que precisa de apoio/ajuda, mesmo quando reconheciam como errada a postura de um membro da família em algumas situações. Ela, pelo contrário, era racional e, por isso, era imediatamente definida como jurin, “por não ter coração”, “não gostar de ninguém”.

Ao acionar a sua racionalidade e contrapô-la à emotividade calon, Bia está se fundamentando nos princípios que organizam a vida em sociedade, reprovando condutas tais como dirigir embriagado, brigar com não ciganos, entre outras. Em outras palavras, as práticas e os modos de pensar dos ciganos eram construídos em oposição aos seus.

Tendo em vista essas diferenças, no início, a família de Seu Itamar mantinha um distanciamento para com Bia e não fazia esforço para integrá-la nas situações cotidianas. Isso ficava perceptível para Bia quando eram feitas comparações entre ciganos e não ciganos baseadas em princípios de diferenciação, sem considerarem se o modo como falavam dos não ciganos seria interpretado por ela como uma ofensa: “Eles faziam sempre questão de distanciar quem era cigano e quem não era. Tinha o negócio de comparar: cigano é assim, jurin é assim. Falar de juron como se não tivesse na frente da gente falando”. Ou seja, não se perdia uma oportunidade para deixar clara essa distinção, dando visibilidade à fronteira que separava Bia dos demais membros da família, mesmo que para fora, no discurso, fossem de uma “mesma família”.

⁷ Ferrari (2010), ao distanciar-se da perspectiva biologizante, mostrou como entre os calons as emoções assumem uma dimensão sociocultural e se expressam por meio de performances no processo de produção da pessoa e da vida social com um todo, como no caso da linguagem oral.

O ato de comparar, aqui, pode ser pensado como um exercício de classificação no qual os ciganos selecionam, com base em seu “repertório” cultural, elementos para incluir os semelhantes e excluir os outros. Vivendo entre os ciganos, a situação se invertia: Bia era tratada de forma preconceituosa por ser diferente. Por isso, Bia afirmou diversas vezes em nossas conversas que nunca se considerou uma cigana, mesmo vivendo com a família, e, sim, como alguém incluída na família.

O distanciamento ao qual se refere Bia, não ganhava forma apenas por meio de comparações verbais. No dia a dia, a convivência em família era restrita. Por exemplo, sua casa era menos visitada por sua sogra, D. Adelina, do que as das calins. Na maioria das vezes, ela ia lá quando Seu Itamar chegava de viagem ou em dias de festa. Ademais, cada um vivia em sua casa, mantendo relações “sociáveis”.

Ela [fazendo referência a sua sogra Dona Adelina] ia mais na casa da Nazaré porque era cigana. Ela saía da casa dela pra ir na casa da Neci, que era filha dela, cigana. Ela vinha para o bairro Sumaré. A gente morava no Sumaré, mas não vinha para nossa casa. Passava lá, mas ia lá pra casa dos outros ciganos. Eu acho que era mais pelas histórias, pelas conversas. Porque queira ou não, mesmo a gente vivendo no meio, convivendo, querendo ser, existe uma diferença. No falar, no modo de tudo. De receber. Sei lá. De tratar, existe a diferença. Então era isso. Ela frequentava mais a Nazaré do que as outras. Muito mais. (Bia, conversa gravada, fev.2014)

Para Bia, o fato de D. Adelina não ir a sua casa estava relacionado com a falta de assuntos comuns para serem conversados. Diferente das outras, que eram ciganas e viveram experiências semelhantes às de D. Adelina. Mas basta nos atermos a outros elementos para percebermos que, no final das contas, Bia reconhecia um abismo entre a forma de ser dela, jurin, e de D. Adelina, cigana, tendo como referência práticas constituidoras da maneira cigana de viver. Dito de outra forma, ainda que dividindo o mesmo espaço, o modo de falar, o tom de voz, as formas de recepção ou o conversar, não produziam uma aparência condizente com o “jeito cigano” ou calonidade (FERRARI, 2010).

Após o nascimento de seus filhos, Biamara e Bruno, a situação permaneceu da mesma forma. Era visível, segundo ela, como D. Adelina tratava de forma diferenciada os seus filhos pelo fato de serem oriundos da relação entre uma não cigana e um cigano. Para Bia, os demais netos, fruto da união entre um cigano e uma cigana, eram os “preferidos”.

A condição de não cigana de Bia, adicionada ao fato de já ter sido casada, era ainda um elemento gerador de conflitos abertos com seu sogro. Ele não aceitava o fato de seu filho Itamar ter casado com uma mulher não cigana, e, sobretudo, pelo fato de não ser virgem. Seu Rotiro não perdia uma oportunidade para chamá-la pejorativamente de rapariga. Dizia que no dia em que ele cruzava com um juron ou uma jurin estava “azalado”, isto é, não teria sorte naquele dia. Diante dessa postura de seu sogro, Bia nem sempre ficava calada, chegando a discutir abertamente com ele.

Para contextualizar essas reflexões de Bia, faz-se necessário inseri-la na forma de como os ciganos se pensavam na época em que Bia começou a viver entre eles. Nesse período, havia uma valorização moral da virgindade feminina. Quando as meninas completavam sete anos de idade, o pai tratava de arranjar o seu futuro marido. Com aproximadamente 12 anos era realizado o casamento, tanto no civil como no religioso. Em alguns casos, chegava-se a fazer alterações no registro de nascimento para que fosse autorizado o casamento na igreja católica, de acordo com os relatos de Bia.

Ao indagar Bia acerca dessa prática, ela me ofereceu duas explicações. A primeira foi que essa era uma “tradição cigana”. Não podemos desprezar, todavia, o fato de que as tradições são criadas em determinados contextos com o propósito de garantir a estabilidade da vida em sociedade diante das mudanças pelas quais se passa (HOBBSAWN, 2012). Ou seja, as tradições reforçam as condutas dos sujeitos. Entre os ciganos, a tradição servia para justificar os casamentos das ciganas com pouca idade, evitando assim, que elas se tornassem “raparigas”, ou seja, se envolvessem em relacionamentos amorosos antes do casamento. Tal prática era vista como uma vergonha para a família.

A outra explicação dada por Bia foi a de que os casamentos realizados entre membros de uma mesma família ou de famílias diferentes tinham como finalidade criar alianças, congregando o maior número de pessoas do sexo masculino, diante das possíveis eventualidades que surgissem ao longo da vida, uma vez que a vida de um calon é marcada por instabilidades, dentre elas, os atos de violência, quer fosse com não ciganos ou com outras famílias de ciganos.

Os casamentos eram marcados por um ritual no qual um tecido sujo de sangue da noiva atestava sua pureza e mostrava diante da família a honra do pai. O ápice desse ritual era uma festa na qual participavam os parentes do noivo e da nova. O pai da

noiva, por sentir-se honrado, festejava durante “três dias e três noites seguidas”, segundo relatos de Bia.

O casamento da filha de Bia, Biamara, é um desses exemplos. Aos 12 anos de idade, Biamara casou com seu primeiro marido, Adalmir, que tinha na época cerca de 25 anos. O casamento foi arranjado por seu pai, Itamar. Bia me disse que pediu muitas vezes para o marido não realizar o casamento, sob o argumento de Biamara ser apenas uma “menina”.

Apesar dos pedidos de Bia, Seu Itamar não a deu atenção. Após o casamento, Biamara ficou casada apenas um mês. Ao comunicar a sua decisão de separar-se, seu pai não aceitou a postura de sua filha e Biamara passou a morar com sua mãe na cidade de Fortaleza. Foi necessário um bom tempo para que Seu Itamar voltasse a ter contato com a filha. Hoje, Biamara mora em uma casa ao lado de seu pai, e seu primeiro marido, Adalmir, também mora próximo.

Além da valorização moral da virgindade, o sogro de Bia considerava que a união de um cigano com uma não cigana levaria à mistura de “raças”, repercutindo diretamente na perda de costumes que expressavam a diferenciação entre ambas as partes.

Diante dessa percepção, Bia tratou de se aproximar do modo cigano de viver, procurando adaptar-se. Por meio da observação dos comportamentos e das práticas ciganas, ela começou a assimilar novos hábitos, pois ninguém parou para explicá-la como uma mulher não cigana deveria agir. Segundo Bia, a um cigano nada se ensina diretamente, tudo se aprende em um processo intrínseco que se dá pela vivência com o outro⁸, principalmente entre os homens. Vale ressaltar, esse processo de aprendizagem descrito por Bia faz parte da dinâmica social humana no geral. Contudo, ao passo que ela foi inserida em um grupo étnico diferente do dela, sentiu esse processo de forma mais explícita.

Inicialmente, ela procurou aprender o *chibi*⁹, pois sendo uma de fora não conseguia compreender em muitas situações diárias o que os calons conversavam entre

⁸ Em sua etnografia, Ferrari (2010) analisou dois estudos de casos de não ciganos que passaram pelo processo de tornar-se cigano. Em um deles, a sogra foi responsável por inserir a nora no universo da performance calon.

⁹ “Chibi é um repertório lexical derivado do romani – língua falada pelos ciganos no leste Europeu – incorporado à gramática do português” (FERRARI, 2010). Vale ressaltar que para os ciganos em Sobral o

si. Muito atenta, logo percebeu que o uso do chibi era sempre acompanhado de gestos ou da indicação ao que se referiam, fosse um objeto, pessoa ou animal.

Os seus esforços, todavia, pareciam não ter efeitos práticos. Os tratamentos preconceituosos relacionados à sua condição de não cigana permaneciam, pois naquele tempo, me disse Bia:

Como eu estava dizendo, eu cheguei à época que ainda não era comum ter jurin morador, como eles chamam, no meio deles. Que eu sabia só tinha a Célia e Carmelita. Havia um preconceito muito grande. Muito grande mesmo. Mas assim, eu passei pelo preconceito que eu não conhecia nada. Não sabia nada dos costumes.

Bia se sentia uma estranha em meio aos calons, principalmente por não conhecer os seus “costumes”. Bia ainda lembrou que apenas duas jurins, até o momento de sua chegada, eram a exceção na família “dos ciganos”. Mesmo não havendo nenhuma proibição expressa, essa não era uma prática bem vista, principalmente aos olhos dos mais velhos. Como Bia não compartilhava do modo de vida cigano, mesmo estando vivendo entre eles, era tratada com indiferença, sentindo-se como alguém que vive distante.

O modo como eles viviam, é claro que as pessoas lá iam ser mais próximas das pessoas que moravam lá. Era como era cigano, embora eu vivesse no dia a dia, no meio da sociedade. Mas para eles, juron era uma convivência à parte. Eram pessoas à parte. Juron, para eles, só servia para ganhar dinheiro. Para ser roubado. Para ser enganado, porque cigano se acha muito esperto. Quer levar vantagem em tudo. E eles só levavam vantagem em cima de juron. Então, para eles, juron só servia para isso. Para naquela época, juron viver no meio de cigano tinha que ralar mesmo. Tinha que mostrar que tinha força de vontade, porque, nas primeiras, se não tivesse muito caráter, caía fora. Eu pelo menos sofri muito. Negócio de preconceito. De você se sentir menosprezada pelo o que você é. Diminuído. Quando você chegava, assim, em uma festa cigana, por exemplo, você tinha que se adaptar àquela maneira deles. Você fosse convidada para um casamento, você tinha que se adaptar. Se vestir daquela maneira. Mas mesmo você estando vestida, quando ia lhe apresentar, não dizia: é a mulher de fulano, é a jurin de fulano. Já fazia questão de dizer que você era uma jurin. Que não era uma cigana. Até porque era muito diferente. Você já era conhecida até pelo modo como você fala, porque cigano já fala de uma maneira diferente. É o mais arrastado. É aquela coisa, mas, sei lá mais chorosa. Até na fala você já é conhecida que você não é jurin. Mas tem aquelas pessoas que vai pro meio e começa a perder sua identidade, também. Quer se inserir e já começa a imitar a que fala daquele jeito. Eu acho assim que eu nunca arrastei muito. Nunca me prendi a querer falar, imitar eles, não, que eu não sou nem papagaio. Mas eu procurei

chibi é utilizado em situações nas quais querem se comunicar sem serem compreendidos pelos não ciganos.

aprender tudo o que eles tinham para me ensinar. Tudo o que o cigano podia me ensinar, eu aprendi (Bia, conversa gravada, fev./2014).

A fala era um dos traços mais visíveis de sua condição de jurin diante de outros calons, pois mesmo conseguindo falar em chibi não assimilou o ritmo prosódico. Como mostrou Ferrari (2010), a língua é um dos elementos constituidores da calonidade entre os ciganos em São Paulo, compondo-se em um universo marcado pela emotividade. Outros elementos, contudo, também podem ser elencados para mostrar essa diferenciação, segundo Bia, como nas situações em que estava vestida nas festas como as ciganas, mas quando alguém perguntava de quem ela se tratava, a resposta era a seguinte: “é a jurin do fulano”. Ou seja, fazia-se questão de enfatizar a sua distinção.

A maneira como os calons viam os não ciganos aumentava esse distanciamento. Um não cigano(a) era visto por um cigano(a) como alguém de quem se pode tirar algum tipo de vantagem, demonstrando esperteza. Dessa forma, os não ciganos tinham um lugar estabelecido *a priori*, dentro dessa concepção calon de vida, quando se relacionavam com a sociedade mais ampla. Ferrari (2010, p. 187) observou, principalmente nas situações de negociações entre calons e não ciganos em São Paulo, relações similares: “[...] nas transações com os gadjes, a vantagem está além do valor absoluto das coisas; ela constitui uma diferença ligada ao fazer-se calon. A relação deve produzir essa diferença”.

As situações descritas por Bia a levaram a definir sua relação nos primeiros anos, como marcada por um distanciamento de preconceito e diferenciação velados, motivado por sua condição de não cigana e pelo não compartilhamento dos modos de vida dos calons. Para Bia, o período de adaptação foi muito difícil e caracterizado por muitas resistências de ambas as partes. Mas ela nunca “baixou a cabeça”, procurando aprender o que os ciganos a podiam ensinar.

Sua posição começou a mudar entre os ciganos, quando ela começou a ser vista como alguém de quem eles poderiam obter algum conhecimento útil para a vida deles, da mesma forma que se mostrou disposta a aprender a viver à maneira deles.

E eu sinto assim, que eu passei a fazer parte da família porque eu comecei a conquistar meu espaço. Primeiro deles, foi quando eu comecei a mostrar pra eles que eu tinha coisas que eles não sabiam e que podia ensinar pra eles. Assim como eles podiam ensinar pra mim também. E uma das coisas era o meu conhecimento de leitura, letramento. E quando eu comecei a ensinar o Itamar a assinar o nome pra tirar documento. Quando eu comecei a aprender

o meio de vida deles. Quando eu comecei a me interessar do que eles gostavam. E ter consciência de como era viver em meio de cigano. Que a mulher, pra viver no meio de cigano, ela tem que ser uma Amélia. Submissa. Coisa que eu nunca fui muito. Mas eu procurei, pelo menos, viver em paz, me adaptando com as situações deles. Tinha certas coisas que eu não aceitava, não (Bia, conversa gravada, fev./2014).

Mesmo não tendo concluído o Ensino Médio, Bia dominava a leitura e a escrita, habilidades incomuns entre os ciganos naquele período. Ela passou a ensinar Seu Itamar a escrever seu nome, possibilitando-o tirar documentos de identificação oficial, como RG e CPF. A partir desse momento, os ciganos começaram a ver Bia como alguém que podia ajudá-los a mediar contatos com o mundo não cigano ao seu redor, marcado pelo letramento. Ela também passou a oferecer menos resistência e assimilou paulatinamente o modo cigano de viver, aprendendo a viver como uma cigana. Aceitou, em certa medida, a posição de submissa relegada às mulheres ciganas e todas as “restrições” impostas: “As restrições eram tão grandes que mulher de cigano ela só tinha a obrigação de calar e calar de novo”. Diferentemente das outras mulheres, ela sempre “bateu de frente” com seu marido, questionando sua autoridade.

Dentre todas as questões abordadas por Bia nas duas entrevistas gravadas e em outras conversas informais, essa condição de subordinação reservada às mulheres entre os ciganos, teve lugar de destaque. Na sua perspectiva, ainda nos dias atuais, com todas as mudanças pelas quais os ciganos passaram com a inserção nos modos de vida em universos urbanos, as relações entre homens e mulheres ainda são estruturadas em um plano assimétrico. Por exemplo, em alguns casos a mulher tem a obrigação de viver ao lado de seu marido, mesmo diante de uma traição. No passado, em hipótese alguma a mulher poderia voltar a viver na casa de seus pais, afinal, seria vista como rapariga e envergonharia toda a família.

Se, por um lado, as barreiras entre Bia e a família de Seu Itamar começavam a ser diluídas, por outro, novas limitações surgiam. Dentre elas, a não aprovação, por parte de Seu Itamar, de que ela estudasse ou tivesse algum emprego formal. Postura também assumida por outros homens. Bia procurou superar cada uma a sua maneira. Apesar de seu Itamar não aceitar, ela deu continuidade aos seus estudos depois que vieram morar em Sobral, por volta de 1984. A sua insistência era motivo para constantes brigas entre ela e Seu Itamar. Mas resistiu e concluiu o magistério. Segundo

Bia, estudar era a maneira de minimizar essa condição de mulher relegada, no contexto das relações entre ciganos.

As limitações impostas a Bia se conectam em alguns pontos à etnografia de Ferrari (2010), quando mostra como o corpo feminino é pensado entre os ciganos como um espaço privilegiado de produção de vergonha em oposição ao mundo dos não ciganos, devendo expressar a “pureza”, sendo, portanto, um “objeto de preocupação e controle”. A autora não desconsidera as aproximações entre os significados atribuídos pelos ciganos à categoria de vergonha com a dos brasileiros e suas variações em diferentes contextos. No universo cigano, a vergonha tem uma perspectiva totalizante que dá conta da estrutura da vida social e se constitui com a negação do mundo dos não ciganos.

Retomando o caso de Bia, ela não teve como exercer nenhuma profissão formal. Contudo, não se conformava em passar o dia em casa, como faziam as outras ciganas, esperando os homens chegarem das viagens que realizavam para fazer negócios, aumentando ainda mais a dependência em relação a seus maridos. Como uma jurin, sempre trabalhou durante a sua vida, e quando decidiu “ganhar dinheiro” da mesma forma que os calons, tornou-se “irmã Beatriz”: “Quando eu vi que eu não podia trabalhar fora, então eu fui aprender a fazer o que eles faziam. Pra eu viver lado a lado, ali”. Ao agir desse modo, Bia começaria a traçar outros caminhos em meios aos calons.

VIRANDO IRMÃ BEATRIZ E A RETOMADA DA VIDA DE JURIN

Para Bia, desde cedo Seu Itamar viveu “às sombras de seus irmãos”. Ou seja, havia uma relação de dependência quando ele viajava na companhia de seus irmãos, Paulo e Ramim, para fazer negócios. Na condição de um ajudante, recebia deles um pagamento irrisório. Com o nascimento dos filhos e a vinda para a cidade de Sobral, o ganho de Seu Itamar tornou-se insuficiente para garantir o sustento da sua família nuclear. Diante das dificuldades diárias, Bia começou a estimulá-lo a procurar seus próprios meios de sobrevivência, tornando-se independente em relação a seus irmãos, pois via nele a possibilidade de ganhar dinheiro da mesma forma que os outros homens calons. Mas foi necessária uma situação extrema para que ele tivesse essa tomada de

consciência. Isso ocorreu em 1986, quando ele adoeceu e a família não fez nenhum esforço significativo para ajudá-lo.

Bia precisou “se virar sozinha”, isto é, arranjar meios de garantir o sustento de sua família. Quando Seu Itamar se recuperou, Bia insistiu para ele começar a viajar sozinho. Os dois começaram a traçar novos caminhos em um processo de cooperação mútua. Inicialmente, iam às feiras no centro da cidade de Sobral e às cidades vizinhas, realizando qualquer tipo de atividade que possibilitasse conseguir dinheiro para as despesas mais básicas, principalmente alimentação. Mesmo conseguindo pouco dinheiro, compravam alimentos a serem consumidos no intervalo de uma semana.

O passo seguinte foi passarem a utilizar emissoras de rádios como meio de divulgação do “trabalho de atendimento-espiritual”, como os irmãos de Itamar já faziam. Como Seu Itamar ainda não sabia ler e escrever, Bia o acompanhava e se encarregava da leitura do horóscopo, de gravar as vinhetas de propagandas (que ficariam sendo exibidas nas rádios quando não estivessem nas cidades onde realizavam os atendimentos), e de ler as cartas no ar e respondê-las. Nesse momento, Seu Itamar começou a construir o seu próprio espaço, mostrando diante dos calons a capacidade de “fazer a vida”, conseguindo, assim, sua independência e meios próprios de viver bem.

Aos poucos, Bia foi aprendendo a “ganhar dinheiro” da mesma forma que os ciganos, por meio da prática de atendimentos, fazendo uso essencialmente da retórica. Mesmo insegura, nos dias em que Seu Itamar bebia um pouco mais durante a noite e amanhecia o dia dormindo ou de ressaca, Bia se encarregava de ir à rádio e fazer o programa. Dessa maneira, começou a adquirir experiência, aprendendo a conversar com as pessoas e as persuadindo por meio de palavras ditas de forma coerente. Ela e Seu Itamar passaram a viajar juntos para a realização dos atendimentos. Por ser mulher, tinha mais facilidade em atrair os possíveis clientes. A partir daí ela passou a se autodenominar Irmã Beatriz, realizando “atendimentos espirituais” em Sobral e nas cidades vizinhas da Região Norte.

Ao se tornar irmã Beatriz e obter dinheiro, como faziam os homens ciganos, Bia rompeu com o ideal de vida relegada à maioria das mulheres ciganas: viver em casa e cuidar dos filhos; com exceção de D. Nazaré, que após passar a viver com Seu Ramim, também começou a viajar junto com ele e a realizar atendimentos até os dias atuais. A postura de Bia passou a ser bem-vista pelos demais membros da família, ganhando o

respeito e a consideração. Em muitas das conversas com D. Nazaré, durante a pesquisa de campo, ela fazia questão de ressaltar o quanto Bia se dispôs a viver da mesma maneira que eles.

Ao tecer comparações entre ela e outras jurins que viviam entre os ciganos, Bia percebe sua postura como diferenciada no sentido de que se dispôs a aprender a maneira de viver dos ciganos. Mas mesmo aprendendo um ofício conhecido como “de cigano”, ela permanece distinta da maioria das ciganas. Essa sua disposição aproximou-a da família e também a proporcionou adquirir um conhecimento que se constitui como uma bagagem para sua vida atualmente.

Com o passar dos anos e à medida que os filhos foram crescendo, Bia diminuiu as viagens gradativamente. Ela já se sentia muito cansada e decidiu parar por um tempo. Mas não gostava da ideia de depender financeiramente de Seu Itamar e decidiu comprar uma máquina de costura. Juntamente com uma amiga, começou a realizar pequenos serviços para os moradores da rua onde residia. Seu Itamar não gostou de sua atitude, e mais uma vez colocou uma série de empecilhos, principalmente porque a atitude de Bia poderia ganhar proporções públicas diante da família, colocando sua honra em questão, pois se espera que um homem cigano garanta a sobrevivência de sua família. Mesmo contra a vontade de seu marido, ela deu continuidade.

Seu Itamar passou a viajar sozinho e ficar períodos muito prolongados sem retornar à cidade de Sobral. A relação entre eles começou a ficar desgastada. Bia resolveu separar-se e voltar para próximo de sua família materna, na cidade de Fortaleza. Como sabia que ele não aceitaria a separação, resolveu sair de Sobral sem comunicá-lo. Dias após estar em Fortaleza, ao conversar com ele por telefone, Bia informou sua decisão.

Seu Itamar não aceitou “perdê-la”, tornando a separação muito difícil. De acordo com Bia, o que estava implícito nessa ação de recusa à sua decisão, tinha uma relação direta com como ele seria visto pelos demais membros da família, demonstrando fraqueza e, colocando em outra perspectiva, comentários em torno de sua honra. Além disso, Seu Itamar quis ficar com a guarda dos filhos, chegando a ir à Justiça com uma denúncia de sequestro.

Bia, mais uma vez, deparou-se com a resistência de Seu Itamar e os dois entraram em um acordo em relação à guarda dos filhos. No período de férias do ano

letivo, janeiro e julho, por determinação da Justiça, Biamara e Bruno deveriam ficar com seu pai na cidade de Sobral. Nessas idas e vindas, seus filhos resolveram morar com o pai, tendo em vista que desde criança foram criados “com seus costumes” ciganos e não precisavam conviver com o preconceito oriundo da família materna, que os tratava de modo distinto por serem filhos de um cigano.

Para Bia, ainda é preciso considerar que, vivendo próximo do pai, os filhos levavam uma vida menos regrada do que a que tinham com ela, em Fortaleza, principalmente porque não havia incentivos por parte do pai para que estudassem. Nem, tampouco, por parte de sua nova esposa. O período em que estudaram foi sempre por sua iniciativa, afinal, os ciganos não valorizam a educação formal do mesmo modo que os não ciganos, como sendo a única maneira de garantia “no futuro”.

Como já tinha concluído o magistério passou a trabalhar em uma escola de educação infantil pertencente à sua família e exerceu a profissão de professora durante três anos. Nesse período, conheceu seu atual companheiro, Chiquinho, com quem vive em união estável. Cansada da profissão de professora e do pouco retorno financeiro, voltou a realizar atendimentos em cidades do interior do estado do Ceará, como irmã Beatriz. Como não conseguiu conciliar as viagens com sua nova relação amorosa, optou por ficar em Fortaleza e voltar a exercer o magistério.

UM OLHAR SOBRE O PASSADO

Decorridos quase dezessete anos do tempo em que Bia viveu entre os ciganos na condição de membro da família, ela olha para o passado com os olhos do presente e tece suas comparações. Muitas destas operam no sentido de mostrar como o modo cigano de viver é significativo para esses atores sociais, e marcado por uma lógica própria, mesmo não concordando com determinadas posturas. Como foi viver entre eles, precisou se adequar aos “costumes” ciganos.

A parte mais interessante assim pra mim de experiência no meio dos ciganos, que eu vivi dois lados da moeda. Vivi a parte difícil de me adaptar no meio deles e vivi a parte boa, quando eu já aprendi a conviver e eles aprenderam a respeitar a minha convivência. Mas que tive que me adaptar aos costumes deles. E não eles aos meus. E o legal disso tudo é que tudo que eu pude absorver de conhecimento de prática, de teoria, de costumes deles. Eu

aprendi tudo. Desde a linguagem. De conviver com eles. De conhecer. De praticar o que eles faziam. E pra mim, hoje, eu digo pra você que o que eu sei, o que eu sou, vem da minha convivência com eles. Porque o colégio ensina uma prática muito grande, mas com os ciganos eu aprendi a viver o mundo. A experiência de mundo. Você, saindo de um lugar pra outro, eu vivi viajando de um lugar pra outro. De cada dia. E cada dia você passando em um estado, em uma cidadezinha pequena. Você conhecendo as pessoas. Outras culturas. Outros costumes. Isso não tem colégio no mundo que ensine. Você pode estudar história pro resto da sua vida que esse conhecimento ninguém adquire. E isso aí eu devo a eles. À minha convivência com eles. E que me serve até hoje. Porque é um amadurecimento (Bia, conversa gravada, mar./2013).

Confrontos de percepções e modos de se ver e agir no mundo social emergem a todo momento nessa fala de Bia. É dada ênfase, mais uma vez, às resistências vivenciadas nesse período de adaptação ao modo cigano de viver e sobre como soube torná-lo positivo, no sentido de extrair de cada situação um aprendizado obtido por meio dos deslocamentos de um lugar a outro. Uma prática percebida como um saber que não é adquirido no espaço da escola, por meio da acumulação de um conjunto de saberes ao longo da história da humanidade.

Ao fazer essa reflexão, tendo como referência sua história de vida, Bia percebe como os ciganos também mudaram com o passar dos anos, diminuindo, em certa medida, a resistência em conviver de forma mais aberta com não ciganos, mesmo que os contatos entre essas duas partes sempre tenham existido.

É como eles mesmo dizem; eles só pensam no dia de hoje. O dia de amanhã eles não se preocupavam porque eles não sabiam se iam tá vivo. Então tudo que eles pegavam, tudo que eles ganhavam... Duas coisas que eles pensavam muito: é no comer, que são muitos fartos dentro de casa, e a outra era se mostrar visualmente bem vestido. Mas aí o tempo vai passando. Na medida que o tempo passa, as pessoas têm que ir acompanhando a evolução. Aí começaram a comprar casa. É como se diz, buscar pra eles mesmo, pra dentro da cultura deles mesmo alguns modos dos moradores. Alguns costumes. Já se relacionava melhor com as pessoas. Alguns já estavam frequentando colégios. Outros, que não sabiam ler já tinham aprendido a fazer o nome. Já haviam conseguido tirar seus documentos. E eles foram se inserindo na sociedade (Bia – conversa gravada, mar./2013).

Os ciganos, afirma Bia, continuam vivendo para o presente, valorizam a alimentação farta e o mostrar-se diante dos outros bem-vestidos. Com o passar dos anos, todavia, e com a diminuição dos ritmos das viagens, os ciganos começaram a incorporar à cultura cigana modos de vida juron, como comprar casa, frequentar a escola, aquisição de leitura e escrita ou tirar documentos de identificação oficial. Levando em conta esses

aspectos, os próprios ciganos admitem que se parecem mais com os “moradores” do ponto de vista de aparência externa, isto é, dos modos de vida em sociedade.

Os jurons e jurins se tornaram presença constante em suas casas, tanto como parentes, como desempenhando funções remuneradas. Algo não imaginável em outros momentos de suas vidas. Essa convivência diminuiu formas de preconceitos em relação aos não ciganos. E hoje, um casamento entre um cigano(a) e um não cigano(a) se constitui como uma realidade marcada por menos resistências. Partindo dessa reflexão de Bia, perguntei a ela como percebe o processo de inserção de Márcio¹⁰ no universo cigano.

Segundo Bia, a entrada de Márcio “foi mais simples” apesar de ele ser homem. Ou seja, houve menos resistência por parte dos outros calons em aceitá-lo como membro da família, pois os calons já tinham mudado em alguns aspectos o seu modo de pensar. Pelo contrário, sua filha Biamara foi quem sofreu preconceito em ser aceita como membra da família de Márcio:

Nesse caso, foi a Biamara quem sofreu preconceito da família do Márcio por ela ser cigana. Porque a família do Márcio fala: a cigana, o cigano só serve para roubar. Cigano não respeita ninguém. Cigano não trabalha, rouba. A família do Márcio foi quem teve preconceito. Já os ciganos com o Márcio, o preconceito já foi “menor”.

O preconceito sofrido por Biamara não se limita apenas às opiniões preconcebidas, mas a um processo de estigmatização (GOFFMAN, 1963), como constataram Goldfard (2004), Silva (2010) e Souza (2011) ao analisar, em diferentes contextos de pesquisa, as representações coletivas construídas pelos não ciganos para definirem os ciganos a partir de atributos negativos, promovendo formas de segregação e/ou exclusão social.

Márcio, decerto, sofreu menos resistência para viver em uma família de ciganos. Mas teve que percorrer um caminho semelhante ao de Bia, e, aos poucos, foi se adaptando à maneira cigana de viver. Em conversa com sua esposa, Biamara, no mês de janeiro de 2014, me disse que quando começaram a namorar, “tudo em Márcio era diferente”, por exemplo, o modo de comer e o fato de ter emprego formal. Passados dez anos vivendo entre os ciganos, Márcio é considerado um cigano por viver como tal, no olhar de sua esposa: “Ele se adaptou às nossas coisas. Adaptando à nossa família e hoje,

¹⁰ Márcio, não cigano, é o atual marido da filha de Bia, Biamara.

o Márcio me diz que prefere viver assim. Já se acostumou. Se sente realizado. Pelo menos é o que ele me diz”.

No início da união com Biamara, Márcio tinha uma loja de informática no centro da cidade de Sobral e realizava serviços para empresas locais e para cidades vizinhas. Quando passou a viver com Biamara, e os clientes souberam de sua união com uma cigana, começaram a não procurar mais os seus serviços. Com a não procura dos clientes, Márcio fechou a loja. Aproximou-se do modo dos ciganos de conseguirem garantir a sobrevivência e começou a viajar na condição de ajudante de Seu Itamar nos dias em que ele fazia os atendimentos nas cidades.

Seu Itamar logo soube reconhecer em Márcio alguém que poderia ser útil, pois dominava conhecimentos de informática e o manuseio de equipamentos tecnológicos. Márcio passou a auxiliá-lo em todas as etapas do atendimento: “Márcio operava as mesas de som, gravava programa, fazia as vinhetas, descobria coisas novas pela internet para eles incrementarem às propagandas dele”. De certo modo, Seu Itamar tornou-se dependente das habilidades que Márcio dominava.

A condição de ajudante de seu sogro era semelhante à de Seu Itamar quando viajava com os irmãos, segundo Bia. Por não concordar com a posição ocupada por Márcio, Bia passou a incentivá-lo a procurar seus meios de sobrevivência, afinal, já tinha adquirido experiência nas viagens com Seu Itamar. Quando Márcio começou a viajar sozinho, Seu Itamar não gostou, pois se sentiu “traído”. Apesar da postura do sogro, Márcio deu continuidade e conseguiu fazer sua vida de modo semelhante aos calons. Atualmente, ele viaja com sua esposa e/ou sozinho para realizar atendimento, faz negócios, atividades de compra e venda de objetos e empresta dinheiro à juros aos não ciganos. Inegavelmente, aos olhos dos ciganos, Márcio vive como cigano e compartilha qualidades compositoras da honra de um homem cigano.

À medida que Márcio começou a se estabilizar, sobrevivendo da mesma maneira que os ciganos, Bia começou a incentivar sua filha, Biamara, a conseguir meios de ganhar dinheiro. Bia não queria, no final das contas, que sua filha dependesse de seu marido e vivesse na situação de submissão a que é destinada às ciganas, e a qual Seu Itamar tentou submetê-la no passado. Para Bia, o interesse era que sua filha também vivesse em pé de igualdade com seu marido. Hoje, Biamara também realiza atendimentos e viaja durante a semana, como seu marido, para atender em cidades

vizinhas. Segundo Bia, ela aprendeu a se “virar” e, caso venha a deixar seu marido, terá meios de garantir sua sobrevivência e de seus filhos.

A história de Bia e Márcio se entrecruza à medida que precisaram se adaptar ao modo de vida cigano. No caso de Bia, ao qual me debrucei com mais detalhes nesse texto, sua história é marcada por muitas tensões. Aos poucos ela foi assimilando, a partir das vivências cotidianas, “costumes”, modos de agir e de pensar dotados de sentido para os calons. Retomar sua história é, assim, uma maneira de perceber como se constrói o universo cultural cigano e como também este é marcado de rupturas e permanências.

A presença de não ciganos(as) em famílias ciganas dinamiza o modo de vida cigano, pois há um processo de adaptação a outras práticas e condutas sociais esperadas nesse contexto. Como se percebe, há muitas diferenças entre o período em que Bia passou a fazer parte da família e a experiência vivenciada por seu genro, Márcio. Essas mudanças de posicionamento vão de encontro às transformações pelas quais os(as) ciganos(as) passaram, à medida que incorporam em seu cotidiano modos de vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Bart. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 185-228.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 319p.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p. 183-191.

FERRARI, Florência. **O mundo passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2010.

FOTTA, Martin. **The bankers of the backlands: financialisation and the Calon-Gypsies in Bahia**. 393 f. Thesis (Doctorate in Social Anthropology) – Goldsmiths College, University of London, London, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1963. 160 p.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **O “tempo de atrás”**: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa – PB. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 392 p.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5. n. 10, p. 200-212.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em vida de extinção (Parte I). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997.

SILVA, Lailson Ferreira da. **“Aqui todo mundo é da mesma família”**: parentesco e relações étnicas entre os ciganos na Cidade Alta, Limoeiro do Norte – CE. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

_____. **A vida em família**: parentesco, relações sociais e estilo de vida entre os calons de Sobral – CE. 182 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Natal Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

SOUZA, Virgínia Kátia de Araújo. **“Ser domesticado e ser nômade”**: um estudo sobre identidade cigana no município de Cruzeta – RN. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

STEWART, Michael. **The time of the Gypsies**. Boulder: Westview Press, 1997. 303 p.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. 381 p.

Recebido em: 30/04/2018

Aceito para publicação em: 08/10/2018